

Festas e Zés Pereiras – Interações Para Sustentabilidades

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.25>

Lenice de Sousa Leite

Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal/Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-7715-2270>
lenice@ua.pt

Resumo

Este texto explora o interesse que as festas religiosas locais representam para a sustentabilidade dos grupos culturais que nelas participam, no caso específico os Zés Pereiras, que têm estes festejos como circuito principal de suas atuações, sendo, portanto, espaços determinantes para a sua persistência. Lança, ainda, o desafio de pensar estratégias que integrem, nestes ambientes, economia, cultura e tecnologia voltadas para estes agrupamentos musicais. Para tanto, proponho uma reflexão acerca destas festas à luz da historiografia cultural (Albuquerque, 2011), focando no potencial de sustentabilidade dos processos musicais (Schippers & Grant, 2016), devido à possibilidade financeira que elas representam, contribuindo para o complemento familiar, para “pequenas conquistas materiais” e inclusive para dar suporte à sua prática cultural, auxiliando com aquisição e manutenção de instrumentos e fardas, possibilitando confraternizações entre os participantes com alimentação, transporte, dentre outras coisas que viabilizam o aprendizado, as interações e a ressignificação da tradição, seja no seu aspeto imaterial ou material. O texto tem como base a pesquisa empírica com métodos etnográficos, que se desenvolveu a partir de estudo de fontes históricas e trabalho de campo com observação e participação, bem como realização de entrevistas com os tocadores de gaitas, bombos e caixas.

Palavras-Chave

Zés Pereiras, festa, sustentabilidades, interações

Introdução

O presente artigo decorre de uma investigação em curso no programa doutoral em Etnomusicologia da Universidade de Aveiro. Surgiu das minhas inquietações resultantes de experiências em território brasileiro no âmbito do mestrado em preservação do património cultural realizado no Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, onde desenvolvi uma pesquisa com foco na salvaguarda do património imaterial, nomeadamente, nas Bandas Cabaçais – grupos musicais formados por caixa, zabumba e dois pífanos. A nomenclatura desse tipo de formação musical não é única, e em outros lugares do Brasil é possível encontrar estes conjuntos com nomes como “zabumbas”, “esquenta muié”, “banda de pife”, entre outros. No entanto, as semelhanças em relação ao circuito de atuação e ao forte vínculo às comunidades entre as Bandas Cabaçais e os Zés Pereiras de Portugal que se revelaram em prévio estudo de campo, me despertaram o interesse para realizar esta investigação, não para fins comparativos, mas para o aprofundamento de questões que incidem sobre a sustentabilidade destas práticas musicais e que se encontram exatamente nos seus aspetos semelhantes.

A produção de conhecimento teórico acerca destes grupos é muito escassa, e minhas indagações não foram contempladas neste reduzido material. Minhas respostas se encontram nos espaços em que estes grupos atuam, na natureza das suas relações e nos diversos contextos de convivência. Por isso, utilizo técnicas de coleta de dados da pesquisa etnográfica como: entrevistas, observações e vivências. Neste artigo, trago o aprendizado assimilado a partir da vivência e convívio com o grupo Zés Pereiras Nacionais de Fragoso na Festa das Cruzes em Barcelos em 2022.

Os Zés Pereiras

Zés Pereiras é a designação dada a um dos diversos agrupamentos musicais que fazem parte do cenário cultural português e têm o bombo e a caixa como protagonistas. Dentro deste cenário, encontram-se outras designações como: “grupo de bombos”, “grupo de gaiteiros” e, mais recentemente, como resultado de ações revivalistas, “orquestra de bombos”. A constituição destes grupos varia entre a quantidade de pessoas, a utilização ou não de aerofone (gaita-de-foles, pífaros, concertinas, acordeões, clarinetes, etc.), de estandarte, de gigantones ou cabeçudos.

Estes agrupamentos musicais permeiam diferentes contextos sociais, políticos e geográficos num percurso de mais de 2 séculos, tendo as festas religiosas locais como principal eixo de atuação. Em virtude da variedade de agrupamentos existentes com constituição similar, trato aqui dos que se auto designam como “Zés Pereiras”, que são constituídos por bombo, caixa e gaita-de-foles e/ou concertina, e que têm suas práticas vinculadas às comunidades, cujo laço identitário fica expresso no uso do estandarte e da farda. A pesquisa se conjuga com um estudo diacrônico de fontes históricas que retratam a produção artística e cultural dos Zés Pereiras, registrada em documentos e pesquisas desenvolvidas por etnógrafos e folcloristas desde finais do século XIX até finais do século XX.

O período oitocentista é o que apresenta maior escassez de estudos, destacando-se o *Cancioneiro de Músicas Populares*, no qual os autores Neves e Campos (1895) designam como Zé Pereira o instrumento zabumba, atribuem caráter primitivo à prática musical, descrevem festas religiosas onde atuam e apresentam partituras rítmicas de algumas peças executadas.

No período novecentista, o maior volume de publicações sobre Zés Pereiras se concentra na documentação produzida pela Comissão de Etnografia e História da Junta da Província Douro Litoral (1937 a 1951) e no *Mensário Casas do Povo* (1946 a 1953). Tal documentação limita-se a breves descrições de suas aparições em festejos religiosos, desfiles etnográficos e eventos cívicos. Sobressaindo neste período, o livro *Instrumentos Musicais Populares Portugueses* de Ernesto Veiga de Oliveira (1966) que torna-se referência para o estudo da música portuguesa até os dias atuais, nele o autor abrange o conceito de Zé Pereira para agrupamentos musicais com características distintas seja quanto à formação, ao traje ou à localização.

No século XXI, começam a surgir estudos que tratam de processos revivalistas (Hill & Bithell, 2015) destes agrupamentos, evidenciando uma mudança no paradigma das abordagens acerca destas práticas musicais – a refolclorização (Castelo-Branco & Branco, 2003). Neste novo contexto, os espaços de atuação se mostram cada vez mais amplos, uma vez que os processos revivalistas criam novas dinâmicas e inserem novos atores. Contudo, as festas religiosas locais ainda são os espaços que mais solicitam a presença destes grupos.

Festas

Buscar compreender teoricamente a festa é uma tarefa nada deleitável. Bom mesmo é festejar! Seja numa festa pública ou particular, para fins religiosos, seculares ou civis, seja para rememorar o passado, para festejar o presente ou para celebrar o futuro. Mas é justo esta complexidade de intenções que me impõe esclarecer sobre que festa trato neste artigo ou pelo menos sob que perspectiva teórica compreendo o sentido da festa.

Teixeira (2010) deixa claro que tentar definir “festa” é admitir sua natureza polissêmica, por tanto, suas definições são interpretações parciais de um determinado grupo social, de um evento específico, de um olhar representativo de cada campo de estudo. Porém, o autor admite que nas definições de grandes estudiosos como Durkheim, Freud, Mauss, Caillois é possível perceber que “o sentido mais pregnante da festa nasce da sua relação com o tempo. Na verdade, ela é uma ruptura no tempo quotidiano anódino (...) é um grande símbolo mediador entre tempo e eternidade” (Teixeira, 2010, pp. 20–21). Mas tentar inferir um determinado tempo, seja cíclico ou linear relativamente à festa da qual trato aqui, também é inútil, uma vez que “o tempo da festa religiosa é simultaneamente mítico (na evocação) e linear (nas vivências) (...). A multiplicidade das festas está em função dos vários ‘tempos sociais’” (Teixeira, 2010, p. 22).

No que diz respeito à festa pública, Castelo-Branco e Moreno Fernández (2018) salientam a complexidade de agentes envolvidos neste contexto e a rica possibilidade

de interações. A presença diversificada de elementos constituintes da sociedade, convivendo num só espaço, faz dela um campo de estudo fecundo para as ciências sociais e humanas, assim como o estabelecimento de novas relações entre as pessoas e grupos que dela participam. Esta amálgama em um só evento faz emergir, de forma prática, temas como identidade cultural, tradição, religiosidade, civismo, transculturalidade e muitos outros que permeiam os campos da história, antropologia, sociologia, cultura, etnologia, entre outros.

Longe de propor uma definição, mas apenas pela necessidade de compreensão conceitual, a perspectiva que utilizo para olhar a festa é a da historiografia cultural, que a entende como um espaço de circulação e produção de significados. Por isso, sua natureza é dinâmica e, assim, podemos associar os acontecimentos no tempo de forma mais fluída e espontânea, uma vez que, nesta concepção: “as festas nem são tradições, nem são restos, indícios ou sinais de outros tempos, mas construções e invenções práticas e discursivas de cada temporalidade na qual elas se deram ou ocorreram e na qual foram nomeadas, instituídas e legitimadas” (Albuquerque, 2011, pp. 145–146).

Esta pluralidade de ambientes e grupos com interesses distintos são acomodados no mesmo espaço, e a unicidade do evento é amparada pela narrativa cultural e religiosa que constrói a ambiência da festa.

Ambiência

O estudo diacrônico desta pesquisa verifica a presença recorrente dos Zés Pereiras nas festas religiosas, sobretudo na região norte de Portugal. Em Barcelos, a Festa das Cruzes do ano de 2022 mostra o quão significativos são estes grupos, uma vez que dos 5 dias de festa, quatro contam com a participação efetiva deles, não limitando-os a meras apresentações, mas os tornando anfitriões, atrações, identidade cultural compartilhada e experimentada por meio das interações ocorridas através da música dos Zés Pereiras que contribuem fortemente para a ambiência da festa.

A cidade é preparada de forma que se possa realizar e compartilhar diversas narrativas seja para lazer, trabalho e/ou oração, garantindo, assim, espaço para os fiéis, os empresários, os comerciantes locais, os grupos culturais, os visitantes e diversas linguagens artísticas. Criando uma ambiência democrática e festiva.

De acordo com Maria Luisa Trindade Bestetti (2014), ambiência

pressupõe o espaço como cenário onde se realizam relações sociais, políticas e econômicas de determinados grupos da sociedade, sendo uma situação construída coletivamente e incluindo as diferentes culturas e valores. (...) Podemos afirmar que não é composto somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos. (p. 602)

Os Zés Pereiras são parte desta ambiência, tanto plástica como sonoramente, onde o papel que desempenham é mais do que figurativo, eles promovem interações e

vínculos entre as pessoas e a cidade, entre os tempos passado e o presente, entre o lazer e a fé, a memória e os afetos.

Fazendo uma relação desta ambiência com o conceito de “espírito do lugar”¹ (International Council of Monuments and Sites, 2008), podemos afirmar, portanto, que eles são ao mesmo tempo a evocação, propagação e a coesão dos vários espíritos de lugar que dão sentido a festa e suas interações, incidem diretamente na manutenção deste espírito, uma vez que:

o espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e que a transmissão é parte importante de sua conservação, declaramos que é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível. A comunicação é, de fato, a melhor ferramenta para manter vivo o espírito do lugar. (International Council of Monuments and Sites, 2008, p. 4)

É importante ressaltar que as interações realizadas pelos Zés Pereiras, além de promoverem a ambiência da festa, incidem também em seu processo de sustentabilidades.

Processo de Sustentabilidades – Das Interações aos Vínculos

Opto pelo termo “processo” por entender que a sustentabilidade se dá pela continuidade das ações, e a interrupção delas ocasiona, inevitavelmente, o desvanecimento das práticas musicais. O termo “sustentabilidade” no plural busca chamar atenção para as várias bases de sustentação existentes neste processo e evidenciar que os Zés Pereiras não dependem apenas de uma delas, sua manutenção não necessita somente da questão econômica, muito menos, apenas da questão social. Há de se falar também das questões tecnológicas, de aprendizagem e afetivas. E mais: estas bases devem ser, estrategicamente, desenvolvidas simultaneamente, visto que estamos falando de processos musicais que se constroem a partir das relações que se estabelecem de forma especificamente contextualizadas.

Vimos a importância das interações dos Zés Pereiras *na* e *para* a festa. Esta dinâmica interativa se mostrou essencial também no processo de sustentabilidades do grupo como nos revela Diogo, tocador de gaita-de-foles, caixa e bombo do grupo Zés Pereiras Nacionais de Fragoso, “lidar com muitas pessoas, são pessoas variadas, vários estilos, vários tipos de comissões, e, portanto, a convivência com diversas pessoas vai nos enriquecendo tanto com pessoas como músicos” (Diogo Ribeiro, entrevista, 30 de maio de 2022). E André, tocador de bombo do mesmo grupo, em entrevista na Festa das Cruzes:

é o convívio, o convívio que temos com o pessoal, e depois falamos um pouco de tudo, a diversão que nós temos (...) o passeio, conhecer novas freguesias

¹ O termo “espírito do lugar” vem da expressão *genius loci* e diz respeito a um “conjunto de características sócio-culturais, arquitetônicas, de linguagem, de hábitos, que caracterizam um lugar, um ambiente, uma cidade. Indica o ‘caráter’ do lugar” (“Genius Loci”, 2021, para. 4).

também é muito importante, e pronto. E também conhecemos pessoas, lidamos com pessoas novas, fazemos novas amizades e pronto é isso. (André Ramos, entrevista, 30 de maio de 2022)

Dada a importância às interações, que se revelou neste trabalho a partir das ações e falas dos músicos, é preciso antes de mais nada a compreensão do significado da palavra. O conceito está corriqueiramente presente em disciplinas que estudam o comportamento e o desenvolvimento humano nos seus aspectos sociais e cognitivos. Segundo o dicionário online Priberam (s.d.), interação é a “1. Influência recíproca de dois ou mais elementos; 2. Fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituir-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro” (Definições 1–2). Porém, a interação não se reduz “apenas a um processo de comunicação interpessoal, a interação é também um fenômeno social, situado num determinado contexto espaço-temporal de natureza cultural e marcado por códigos e rituais sociais” (Infopédia, s.d., para. 2).

A pesquisa realizada em Barcelos, com o grupo Zés Pereiras Nacionais de Fragoso, mostrou-me a importância das festas no processo de sustentabilidades destes grupos, não só por proporcionar uma rede de interações que se constroem neste espaço festivo, mas pelos vínculos sociais e afetivos que estas interações provocam, ocasionando o “movimento constante entre dar – receber e retribuir” (Darós, 2016, p. 65).

Identifico aqui algumas interações que observei como interações internas e interações externas. As interações internas ocorrem entre os integrantes, proporcionando mais intimidade, estreitando os laços de amizade, o que contribui para a permanência e colaboração entre os participantes. Em relação às interações externas, destaco:

- Grupo e instituições públicas (bombeiros, polícia, etc.) – estas instituições reconhecidas como pilares da comunidade estão ao serviço dela até em período de festa e prestar homenagem a tais instituições demonstra o reconhecimento e agradecimento pelo trabalho prestado ao concelho que compartilham, e estabelece uma relação duradoura entre eles.
- Grupo e comissões de festas – causar boa impressão e manter um bom relacionamento com as comissões é uma forma de garantir boas referências para as próximas comissões e assim ir assegurando a participação nos festejos.
- Grupo e público – não é possível prever a reação dos ouvintes dos Zés Pereiras, no entanto, pode-se apostar que a busca desta interação desenvolve no músico habilidade de comunicação gestual e corporal que aliada à sonoridade do grupo, fica difícil de não ser contagiado pela sua alegria e descontração. A satisfação da platéia demonstrada pela participação, sorriso e aplausos é um catalisador poderoso na manutenção da prática dos Zés Pereiras Nacionais de Fragoso.
- Grupo e imprensa – o reconhecimento e a importância destes grupos encontram reverberação através da mídia local, ao difundi-los como elementos indispensáveis da festa, representantes da cultura e identidade local. A difusão da imagem

dos Zés Pereiras em período de festa eleva a auto-estima do grupo e dilui alguns estereótipos como por exemplo o de “borrachões” – expressão dada a tocadores que tocam em troca de “pinga”, segundo Licínio Arantes (entrevista, 30 de maio de 2022), integrante do grupo há 8 anos.

- Grupo e pesquisadores – por experiência própria, a interação que ocorre entre grupo e pesquisador gera um certo tipo de solidariedade, na medida em que partilham uma jornada em busca de dar sentido à festa, e uma certa cumplicidade, já que estamos construindo e registrando memórias compartilhadas daquele momento tão importante.
- Grupo e cidade – a interação com o espaço público é marcante, primeiramente, porque não se trata apenas de uma ocupação plástica, é também uma ocupação sonora, impregnando ainda mais aquele espaço de memória e sentidos. Esta ocupação promove também a interação dos ouvintes tanto com o espaço físico como com as memórias da cidade e da festa.

No que tange a sustentabilidade de práticas musicais coletivas, Titon (2009) argumenta ser preponderante investigar a sustentabilidade também como uma ação colaborativa. Nesta arena de debates sobre sustentabilidades no campo da música, Huib Schippers e Catherine Grant (2016) elencam cinco pilares que consideram relevantes para a sustentabilidade dos processos musicais: os sistemas de ensino, os músicos e as comunidades, os contextos e constructos, os processos de regulação e as infra-estruturas, os mídia e as indústrias da música. Certos pilares estipulados pelos autores dialogam com algumas interações citadas acima, e outros pilares podem sugerir outras bases de sustentabilidades que ocorrem no contexto de festa para os Zés Pereiras. Contudo, observo que tais pilares ou bases de sustentabilidades se tornam mais sólidos quando são explorados em seu contexto de atuação, pois desta forma é possível agregar o máximo de valores possível numa só experiência, sejam sociais, afetivos, econômicos, de aprendizagem, tecnológicos e institucionais. Por exemplo, proporcionar uma vivência com um grupo de estudantes onde possam tocar junto com os Zés Pereiras numa festa, é explorar ao mesmo tempo ensino, contexto, músicos e comunidade. Esta experiência é fortalecida por diversos sentidos, significados e valores que só podem ser apreendidos com a vivência.

Considerações Finais

Esta pesquisa, que ainda se encontra em curso, vem-me revelando novas possibilidades de pensar as sustentabilidades destes agrupamentos musicais. A Festa das Cruzes em Barcelos incluiu na minha perspectiva dois elementos que até então eu não havia explorado, como as interações e os vínculos sociais². Estes elementos mostram-se vitais, pois é a partir deles que se alimenta o processo de sustentabilidade dos Zés Pereiras Nacionais de Fragoso.

² “Os vínculos sociais são o elo entre o indivíduo e a sociedade e a condição primordial para se ter uma boa vida” (Darós, 2016, p. 8).

Neste universo oral e musical, onde o fazer e o aprender são indissociáveis, e nada acontece de forma individual, a festa é o cenário mais promissor para o aprendizado e para a construção de vínculos, por proporcionar as condições ideais para a prática, promovendo as interações entre famílias, comissões de festa, grupos, instituições e comunidade, formando um ecossistema ligado por esta força sônica que são os Zés Pereiras.

As interações realizadas pelo grupo na festa ocasionam mais do que aprendizado técnico musical, nela aprende-se também a sentir a importância de ser um tocador de Zés Pereiras e compreender o papel que este músico tem na história da sua comunidade, “oficializando” assim o status de músico de tocador de Zés Pereiras.

As festas são, sem dúvida, espaços fundamentais para a manutenção destes grupos, contudo, os grupos também são imprescindíveis para a festa, dando-lhes sentido simbólico e festivo. Estimulando as memórias e os afetos, conectando histórias, tempo e pessoas, proporcionando coesão a um evento tão heterogêneo como são as festas populares religiosas.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do INET-md - Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança. Universidade de Aveiro. Departamento de Comunicação e Arte. Campus de Santiago, Aveiro, Portugal. É também apoiado no âmbito da Bolsa de Investigação financiada pela FCT no âmbito do financiamento plurianual às Unidades de Investigação; Instituição de acolhimento Instituto de Etnomusicologia Centro de Estudos em Música e Dança, INET-md - polo na Universidade de Aveiro, refa UIDB/00472/2020; Início 16/01/2022; duração 12 meses. Este trabalho insere-se no projeto “A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais (1880-2018)” financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização – COMPETE 2020 - e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia: POCI-01-0145-FEDER-016814 (Refª FCT: PTDC/CPC-MMU/5720/2014).

Referências

- Albuquerque, D. M., Jr. (2011). Festas para que te quero: Por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*, 7(1), 134-150. <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147>
- Bestetti, M. L. T. (2014). Ambiência: Espaço físico e comportamento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 601-610. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>
- Castelo-Branco, S., & Branco, J. (Eds.). (2003). *Vozes do povo: A folclorização em Portugal*. Etnográfica Press. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.537>
- Castelo-Branco, S., & Moreno Fernández, S. (2018). *Music in Portugal and Spain – Experiencing music, expressing culture*. Oxford University Press.
- Darós, M. (2016). *Vínculos sociais e felicidade: Um estudo sobre as relações humanas em economia solidária* [Tese de pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. RDBU. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5375>

- Genius loci. (2021, 12 de março). In *Wikipedia*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Genius_loci
- Hill, J., & Bithell, C. (2015). An introduction to music revival as concept, cultural process, and medium of change. In C. Bithell & J. Hill (Eds.), *The Oxford handbook of music revival* (pp. 3–42). EBSCO.
- Infopédia. (s.d.). Interação social. In *infopedia.pt dicionário*. Retirado a 13 de maio de 2022, de <https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/Interaçao-social>
- International Council of Monuments and Sites. (2008). *Declaração de Québec: Sobre a preservação do "spiritu loci"*. https://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf
- Neves, C. A. P., & Campos, G. (1895). *Cancioneiro de músicas populares* (Vol. II). Typographia Occidental.
- Oliveira, E. V. de. (1966). *Instrumentos musicais populares portugueses*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Priberam. (s.d.). Interação. In *dicionario.priberam.org dicionário*. Retirado a 13 de maio de 2022, de <https://dicionario.priberam.org/interaçao>
- Schippers, H., & Grant, C. (2016). *Sustainable futures for music cultures: An ecological perspective*. Oxford University Press.
- Teixeira, J. (2010). Festa e identidade. *Comunicação & Cultura*, (10), 17–33. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.541>
- Titon, J. T. (2009). Music and sustainability. An ecological viewpoint. *World of Music*, 51(1), 119–138.